

Educar filhos

*Entre a renúncia
e a urgência*

LEONARDO POSTERNAK



EDUCAR FILHOS

Entre a renúncia e a urgência

Copyright © 2020 by Leonardo Posternak
Direitos desta edição reservados por Summus Editorial

Editora executiva: **Soraia Bini Cury**
Assistente editorial: **Michelle Campos**
Capa: **Buono Disegno**
Imagem de capa: **Shutterstock**
Projeto gráfico: **Crayon Editorial**
Diagramação: **Santana**

Editora Ágora

Departamento editorial
Rua Itapicuru, 613 – 7ª andar
05006-000 – São Paulo – SP
Fone: (11) 3872-3322
Fax: (11) 3872-7476
<http://www.editoraagora.com.br>
e-mail: agora@editoraagora.com.br

Atendimento ao consumidor
Summus Editorial
Fone: (11) 3865-9890

Vendas por atacado
Fone: (11) 3873-8638
Fax: (11) 3872-7476
e-mail: vendas@summus.com.br

Impresso no Brasil



Aviso aos prováveis leitores:

este não é um livro de autoajuda, nem um código de leis moralizantes, muito menos um compêndio de sábios conselhos. Caso estejam procurando algo desse tipo, aconselho-os a devolvê-lo à prateleira. A presente obra é questionadora, instiga a pensar.

E pode provocar certo desconforto.

Sumário



1. <i>Por que mais um livro sobre educação dos filhos?</i>	11
Nem receitas prontas, nem mocinhos e bandidos	11
Procurar só em locais iluminados pode ser um erro	16
Educar pelo exemplo	17
Helen Keller e sua metáfora educativa	18
Moral das histórias	19
O poeta Manoel de Barros nos convida a continuar a leitura	20
2. <i>Ler os clássicos para conhecer coisas novas</i>	21
A educação no tempo dos astecas	21
A época do nazismo e do herói Janusz Korczak	23
Meu pai educador: entre o machismo e o matriarcado	25
3. <i>O enredo, os atores e o palco da novela da educação familiar</i>	31
A família	32
As funções materna e paterna	37
A criança contemporânea	39
Aprofundamento sobre a sociedade líquido-moderna	44
O círculo nada virtuoso entre a sociedade e a infância	49

4. <i>Os percalços evolutivos e amorosos da criança a educar</i> . . .	53
Crises previsíveis do crescimento e o Édipo	53
Educação, família e escola	62
Cultura, ética e liberdade na criança e na família	69
Brincadeiras, brinquedos, narrativas e o sujeito	71
Narrativas e histórias familiares	79
5. <i>Aspectos contrários e em oposição com a educação dos filhos</i>	83
Infância, mercado, consumo e subjetividade	83
A sabotagem da família à construção de uma cidadania possível	86
6. <i>O coração do livro: amor e respeito embutidos no “não”</i> . .	91
Enquadre teórico de “como dizer ‘não’ a uma criança”	91
O “não” no cotidiano da prática educativa	95
Finalmente... O final (não é um epílogo)	98

1. *Por que mais um livro sobre educação dos filhos?*



*Sou o poeta da mulher tanto quanto do homem,
E digo que é tão bom ser mulher quanto ser homem,
E digo que não há nada melhor que a mãe dos homens.*
Walt Whitman, “Canção de mim mesmo”¹

Nem receitas prontas, nem mocinhos e bandidos

Existe nas livrarias uma infinidade de livros sobre a educação de filhos, mas nem por isso esse tema tão candente é inédito. A fim de constatar esse fato, vejamos os seguintes parágrafos:

- A. “Nossa juventude está estragada até o fundo do coração... Os jovens são malfeitores e preguiçosos. Eles jamais serão como a juventude de antigamente, nem conseguirão manter viva a nossa cultura.”
- B. “Nosso mundo atingiu seu ponto crítico. Os filhos não ouvem mais os pais. O fim do mundo não está muito longe!”
- C. “Não tenho mais esperança no futuro de nosso país se a juventude de hoje tomar o poder amanhã, pois ela é insuportável, desenfreada, simplesmente horrível!”
- D. “Nossa juventude adora o luxo, é mal-educada, caçoa da autoridade e não tem respeito pelos anciãos. São tiranos!”
- E. “Escrevi sobre educação porque amiúde me consultam pais que não sabem educar seus filhos. Por outro lado, a juventude é corrupta. É um tema universal de lamentações.”

A seguir, listarei os autores dessas frases lapidares e a cronologia dos fatos, a saber:

Frase A: encontrada em um vaso de argila na Babilônia. Tem 4 mil anos.

Frase B: escrita por um sacerdote no ano 2.000 a.C.

Frase C: escrita por Hesíodo em 720 a.C.

Frase D: dita por Sócrates entre 470 e 399 a.C.

Frase E: escrita por John Locke em 1693. É moderníssima!

São exemplos concretos do pensamento rígido, estereotipado e, pelo visto, inoperante, sobre os filhos e a educação, que abarca da Antiguidade aos nossos dias.

Sou otimista. Assim, creio que daqui a 400 anos esses debates ficarão obsoletos e caduquem. A minha esperança é que pelo menos as crianças e os jovens sejam inocentados de seus “crimes” e possam gozar da liberdade.

Mas parece que em todas as épocas foi difícil discutir esse tema com profundidade e seriedade; sempre se repetiu o mantra das crianças transviadas e dos jovens corruptos, sem nenhuma originalidade. É um assunto que me apaixona há muito tempo, como corpo teórico de conhecimento e também por ser uma queixa cotidiana das famílias em nossos consultórios, travestida na forma de uma pungente pergunta: “E agora, o que fazemos?” Freud, em sua época, já respondeu: “Continuem errando, já que educar filhos é impossível!”

No meu caso, sem a experiência nem o gabarito do professor, inclino-me a ouvi-los, acolhê-los e pensar com eles para fazer surgir os questionamentos necessários e cabíveis, sem “puni-los” nem desqualificá-los – criando assim um ambiente de cooperação. Quando lembro, repito-lhes uma frase que circula pela internet e vai ao encontro de suas queixas: “Pedras no caminho? Guardo todas. Um dia vou construir um castelo”.

Na hora de escrever, vem à minha memória um pensamento do grande poeta Fernando Pessoa, pelo qual já peço desculpas por adaptar: “Educar é preciso, viver não é preciso”. Fui criança e fui educado, logo me tornei pai e eduquei meus filhos, com os quais errei e acertei.

Já que sou como todo humano terráqueo e não um anjo, carrego vícios e virtudes. Posso acrescentar a meu currículo familiar mais uma titulação: sou avô de uma linda e sensível adolescente na casa dos 17 anos.

Quando me formei pediatra, na década de 1970, também excelentes psicanalistas cometiam erros importantes. O mais marcante era nomear a relação mãe-filho como um vínculo entre um sujeito (a mãe) e um objeto (o bebê), sendo a mãe o polo mental e o bebê o polo somático – era duro ser criança há 50 anos. Claro que tudo evoluiu e muda, tanto que hoje o bebê recebe intenso foco de luz e muita gente fica acotovelada em berços e incubadoras, filmando, observando e estudando “Sua Majestade, o bebê”. Até poucos anos atrás, o bebê não tinha o direito de sentir dor nem sofrimento psíquico, mas atualmente se sabe que ele é um sujeito em construção desde o nascimento.

Outro erro dessa época foi considerar a criança um habitante do paraíso terreno, com felicidade eterna, nada de frustração e tomando o cuidado para não “traumatizá-la” – termo típico desse período que reverbera até hoje.

Os livros sobre a tarefa educativa dos pais se dividem entre aqueles em que o autor conhece o tema – pode-se discordar dele, mas a obra tem solidez – e aqueles que parecem ter sido escritos por gurus que sabem tudo e aconselham a fazer tudo como eles acham que deve ser, prometendo êxito. Outros, ainda, são declaradamente amadores oportunistas – refiro-me aos “domadores de crianças”, que em três capítulos resolvem problemas que os pais não conseguem resolver há vários anos. Às vezes penetram nos lares pela TV ou pela internet, onde se mostram tão geniais ou tão caricaturescos que provocam risos. Será que os pais são tão ineptos assim?

Independentemente da ideologia e da qualidade desses textos e métodos, percebe-se, em geral, uma parcialidade marcante na discussão do tema: uns responsabilizam exclusivamente os pais por todos os mal-entendidos e mal-estares que surgem na família; outros impu-tam toda a culpa às crianças, verdadeiras “delinquentes mirins”. Elas ganharam vários apelidos, como “tiranias”, “ditadoras” e “invasoras”.

O pior caminho para os pais é fazer uma simplificação ingênua de algo que é complexo e complicado. Sabemos que a educação dos filhos sempre está carregada de contradição e ambiguidade. Assim, ficar só na culpabilização de uns ou de outros, sem analisar a sociedade, as culturas, a perda de certos valores e a atuação da chamada *mass media* e do mercado, é banalizar a questão.

Por tudo isso, ninguém pode assumir como únicos referenciais os conselhos de “especialistas” nem alguma “cartilha educacional” como se fossem o código de justiça ou um mandamento bíblico. Cada família é única. Cada criança, com sua história individual, incomparável e intransferível, não é passível de dados estatísticos e generalizações.

Sabemos que os pais são falíveis e imperfeitos, mas apesar disso o pior caminho escolhido pelos adultos é o de renunciar à sua função educativa. Não se pode estar ausente (ainda que fisicamente presente) e em troca “encher” os filhos de brinquedos, aceitando tudo que eles querem e o que não querem.

Os pais não podem trocar o prazer pelo gozo (prazer excessivo, prigoso e doloroso). Não podem deixar de mostrar aos filhos que a frustração é parte da vida e que, se bem existe o princípio do prazer, este tem de ser confrontado com o princípio da realidade. Os adultos precisam saber que, ao negar algo ao filho, criam uma falta, e é justamente a falta que estimula a criança a crescer.

Existem pais autoritários, como existem homens machistas, que são até um tanto violentos, muito dogmáticos e não educam, simplesmente domesticam. Mas também existem os pais ausentes por preguiça ou por uma questão de êxito profissional; há os “renunciantes”, que vivenciam a angústia de não saber educar ou simplesmente “têm medo dos filhos”, pela própria história pessoal. Por último, há os pais adequados, que educam pelo exemplo e pensam a educação como o caminho para que os filhos se dirijam a uma cidadania possível.

Por sua parte, as crianças não são “anjinhos” inocentes. São observadoras e, assim que percebem territórios e funções abando-

nadas pelos pais, transpõem as fronteiras e usufruem dos benefícios de maneira imprópria e onipotente. Existem outras que respeitam os limites, sabem usar a liberdade para fazer boas escolhas e reconhecem a alteridade. Vemos que há todos os tipos de pais, de filhos e de educação – Tolstói, bom observador, escreveu: “As famílias felizes o são da mesma maneira, as infelizes o são cada uma à sua própria maneira”.

Além de questionamentos, um bom livro deve oferecer as informações necessárias para que os pais tenham mais ferramentas para tomar suas decisões. Mas sempre há leis familiares que não podem faltar e têm de ser claras. A educação depende da sociedade e das normas familiares. Informar (diferentemente de catequizar) é uma tentativa de diminuir as escolhas erradas na educação familiar, mas a liberdade de escolha (certa ou errada) é um risco que vai depender dos leitores. A respeito disso, há uma frase muito feliz de Saramago: “Aprendi a não tentar convencer ninguém. O trabalho de convencer é uma falta de respeito, é uma tentativa de colonização do outro”.

Por outro lado, o risco da desinformação é o de transformar a família em um ajuntamento de “desconhecidos íntimos”, no qual o prazer do contato seja superado pelo desgosto do convívio.

É bem nítido que, para que uma família eduque adequadamente os filhos, é imprescindível que alguém se “resigne” a ser adulto. Não acredito que isso possa ser decidido por sorteio nem por uma assembleia com direito a voto.

Quanto menos os pais pretendem ser pais, mais eles exigem paternalismo à sociedade.

Nada do que penso ou escrevo precisa ter concordância absoluta por parte do leitor. A leitura deste texto deve ser crítica, para que cada um tire suas conclusões, que podem ser contrárias. A cultura é o que o homem acrescenta ao homem e a educação é o cunhamento efetivo do humano, aí onde só existe uma possibilidade.

A frase entre aspas é de Oscar Wilde, o acréscimo é meu: “Em se tratando de pais, pior do que um conselho é um conselho bom”. Eles